

EXPERIÊNCIAS NO OIAPOQUE

J. R. FARIAS E SILVA, 1.º Ten Farm
ex-estagiário do HCE

No período de maio de 67 a julho de 69 em que tivemos a feliz oportunidade de servir na Colônia Militar do Oiapoque (1ª/3.ª B Fron), passamos por experiências agradáveis e que julgamos haver trazido alguns benefícios à população longínqua do extremo norte do Brasil.

Clevelândia do Norte, no Território Federal do Amapá, é a localidade em que se encontra instalada a Colônia Militar do Oiapoque e para onde em 1923 o Presidente da República, Dr. Artur Bernardes, enviava os seus prisioneiros políticos. Naquela época a carência de recursos humanos e técnicos era flagrante e a malária e disenteria amebiana campeavam na região. Hoje, basta se dizer que o antigo pavilhão usado como Hospital de Emergência, foi transformado no cinema da cidade. Naquela época a profilaxia era bem difícil de ser realizada. A Seção de Saúde da Unidade com sua equipe constituída de médico, farmacêutico, dentista e sargentos auxiliares de saúde, procura dentro de suas possibilidades e dos meios que dispõe fazer a profilaxia da malária, filariose, verminose, leishmaniose, cricmohlastomicose, tuberculose e lepra, por serem estas doenças as mais comuns nos climas tropicais e subtropicais como é o de Clevelândia do Norte e da cidade vizinha do Oiapoque. Como observamos, há uma grande diferença entre as condições de vida de épocas passadas para a atual situação. Com o trabalho profilático realizado é raríssima a incidência das doenças tropicais acima citadas e algumas praticamente foram extintas. As que não se conseguiu, até a presente data, debelar totalmente por dependerem também de outros setores administrativos e técnicos, foram a malária e a verminose.

INCIDÊNCIA DE VERMINOSES

Dos trabalhos realizados fora de rotina durante nossa permanência em Clevelândia do Norte, citaremos três, contudo o que mais nos empolgou foi o último.

A primeira experiência foi executada quando do estágio dos acadêmicos da Universidade Federal do Pará, em que fizemos no pequeno Laboratório de Análises Clínicas da CMO juntamente com as universitárias do último ano de medicina Yamilé N. P. Nogueira, Zubeide Marcon e Benedita C. de Farias, uma pesquisa de incidência de verminoses em Clevelândia do Norte — AP. O trabalho obedeceu a quatro itens:

- a) visitas às famílias (para contato e verificação do estado geral de seus componentes);
- b) recebimento de amostras para exames de fezes das famílias visitadas;
- c) execução dos exames;
- c) tratamento (com amostras de medicamentos levadas pelos acadêmicos e medicamentos conseguidos junto ao DNERu e CEM).

A cada pessoa era perguntado o nome, endereço, sexo, idade, sintomatologia e se possuía fossa higiênica em sua casa.

Examinando uma amostra da população (215 casos), colhida aleatoriamente segundo as classes sócio-econômicas, chegamos à conclusão de que essa amostra era bastante representativa. Os resultados obtidos foram os seguintes: Infestação por *Ancilostomídeos* 150 casos; *Áscaris lumbricóides* 128; *Enteróbios vermiculares* 62; *Trichocephalus trichiurus* 55; *Entamoeba histolítica* 12; *Strongyloides stercoralis* 9; Negativos 8; *Taenia saginata* 7; *Giardia lamblia* 6; *Taenia solium* 3; *Hymenolepis nana* 3; e *Schistosoma mansoni* 2 casos.

Baseados nos dados acima chegamos às seguintes percentagens: *Ancilostomídeos* 70%; *Áscaris lumbricóides* 59%; *Enteróbios vermiculares* 29%; *Trichocephalus trichiurus* 26%; *Entamoeba histolítica* 57%; *Strongyloides stercoralis* 4,1%; Negativos 3,8%; *Taenia saginata* 3,4%; *Giardia lamblia* 2,9%; *Taenia solium* 1,9%; *Hymenolepis nana* 1,9%; *Schistosoma mansoni* 1%.

Resumindo: foi obtido um resultado de 96,2% de infestação para uma população de 1.300 habitantes.

CONSEQUÊNCIAS

O tratamento foi iniciado, mas, mesmo que fôsse obedecido "in totum" o esquema elaborado, estávamos longe de erradicar a verminose daquela região e ficaríamos sempre num círculo vicioso se não fôssem atendidas as sugestões apresentadas sucintamente ao Comandante da Colônia, Ten Cel Artur Ramos Bogéa, que aliás deu total apoio ao trabalho. Eis as sugestões:

- 1) tratamento da população infestada;

2) Condenar os poços em uso e que não se enquadravam dentro das exigências mínimas da higiene;

3) Construção de fossas biológicas e, se possível, uma rede de esgotos, em substituição às fossas negras existentes;

4) Tratamento da água que a população consome na cidade, visto que a maioria dos habitantes utilizava água de poços construídos sem as devidas observações higiênicas.

O Comandante da Colônia Militar do Oiapoque encarou o problema com a seriedade que o fato exigia e foi objetivo: — determinou que fôsse interditados todos os poços condenados; ajudou com os meios indispensáveis para a construção de fossas aquêles que as não possuíam e para outros que tiveram de reconstruí-las por motivos técnicos ou higiênicos; solicitou ao Serviço de Obras da 8ª Região Militar o aceleração do serviço de construção do novo reservatório de água em condições de serem instalados aparelhos para o tratamento de tão precioso líquido; proibiu a construção de fossas se antes não tivessem a devida orientação da Seção de Saúde da Unidade e instituiu o concurso do "Melhor Quarteirão" com prêmios aos vencedores e punições ao último lugar (quando por relaxamento). Ficamos encarregados da Fiscalização e da verificação mensal, pois tínhamos oportunidade de visitar casa por casa, observando discretamente, a parte higiênica do lar, dada a existência de um prêmio para o quintal mais bem cuidado sob os pontos de vista de limpeza e de cultivo de hortaliças.

Estas medidas melhoraram consideravelmente o estado de saúde e higiene dos habitantes de Clevelândia do Norte — AP e trouxeram estímulos para muitos, com vários aspectos positivos.

PESQUISA DE FILARIOSE

Uma outra experiência importante foi a pesquisa de filariose realizada entre as populações de Clevelândia do Norte e do Oiapoque — AP, iniciando-se a leitura das lâminas no Laboratório de Análises Clínicas da CMO e concluindo-se em Macapá, tudo sob a coordenação do Prof. Reinaldo Damasceno, Chefe do DNERu de Macapá-AP e nossa modesta colaboração.

Após a leitura de todas as lâminas ficou constatado apenas um (1) caso positivo, e, assim mesmo, de um operário de Belém — PA, contratado pelo Serviço de Obras para trabalhos de construção na CMO. O referido operário foi isolado e seu tratamento realizado.

Como sabemos as fêmeas do nematóide *Wulchereria bancrofti*, depois de acasaladas, produzem pequenos embriões (microfilárias) que alcançam a corrente sanguínea, transportados através da linfa,

indo alojar-se nos órgãos internos, principalmente, rins e pulmões, aparecendo no sangue periférico, em geral à noite, quando o portador está em repouso. Como tínhamos luz elétrica somente das 18 às 22h30min, os geradores — durante o tratamento — eram ligados a partir das 23h30min, a fim de que fôsse possível a realização dos exames laboratoriais de controle.

A Filariose pode apresentar diversos estados mórbidos, conforme a localização do verme no sistema linfático. Vivendo exclusivamente nos vasos linfáticos, podem obstruí-los forçando o rompimento dos mesmos e conseqüentemente o derramamento da linfa no tecido muscular, ocasionando a hidrocele, elefantíase dos membros (principalmente os inferiores), órgãos genitais ou lesões do sistema urinário.

O cuidado de isolar o operário portador de filariose, justifica-se, porque sendo o transmissor da doença um inseto hematófago da ordem díptera, com o seu principal vetor, no Brasil, o *Cúlex pipiens* fatigans, conhecido vulgarmente no Norte por carapanã, poderia vir a picar o doente e logo após atingir um outro elemento.

O operário, com 15 dias de medicação intensa, apresentou todos os seus exames negativos, sendo após isso, encaminhado ao DNERu de Belém do Pará (onde residia) com a devida notificação para controle permanente.

DESPERTANDO O VALOR HUMANO

A terceira experiência que considero como sendo a que mais me empolgou foi aquela realizada com os próprios elementos da região, onde a principal motivação era o querer fazer algo por sua terra, dando-lhe algo de si. Mentalidade difícil de ser formada entre uma população sofrida e sem muito estímulo, pois, com os meios de comunicações deficientes naquela época, já que no Oiapoque não chegava uma revista ou jornal (a não ser por encomenda); as únicas coisas que viam e contemplavam era o Rio Oiapoque e as matas brasileiras e francesas que margeiam.

Como Professor de Ciências do Ginásio Normal Rural do Oiapoque, tivemos a felicidade de manter contato direto com a juventude daquela terra.

O GNRO atende as duas cidades, Clecelândia do Norte e Oiapoque, tendo sua sede nesta última. O transporte dos alunos e professores de Clecelândia, era feito por caminhões, em difícil estrada, ou por "ubás", através do rio Oiapoque. A distância de uma cidade a outra é de seis quilômetros. À noite o percurso apresentava maiores dificuldades. O Magistério era exercido por Oficiais e suas espôsas. Trabalho que exigia boa vontade, contudo, maior desprendi-

mento e idealismo possuem os alunos, pois, morar em Clevelândia e estudar no Oiapoque, é tarefa difícil. O Diretor do Ginásio é o Padre Tomaz Maisto, de naturalidade italiana mas que há nove anos dedica aos oiapoquenses o seu trabalho de pastor na formação espiritual e educacional daquela gente.

Neste ambiente e sem muitos meios didáticos a utilizar, procuramos inculcar, em nossos alunos, a importância de cada um saber mais, para servir melhor a sua terra e ao seu povo. Mais instruídos, poderiam se defender melhor das doenças e ajudar aos outros a fazer o mesmo. Começamos então a "estudar" com eles todos os ciclos evolutivos de cada verminose comum na região. As turmas foram divididas em equipes. Cada equipe ficou encarregada de organizar um álbum seriado sobre o assunto com flanelógrafo ou simplesmente desenhos em folhas de papel. Este álbum seriado era utilizado pelas equipes nas aulas que ministravam às turmas. Cada turma tinha quatro equipes, logo, tinham também a mesma aula quatro vezes, dada por elementos da equipe e sujeitas a debates no final.

Todo esse cuidado em aperfeiçoar o melhor possível as equipes, tinha uma finalidade: que todos sentissem a necessidade de em suas férias de julho, espontaneamente, visitarem todas as famílias de Oiapoque e de Clevelândia, "mostrando" aquelas aulas e colhendo, discretamente, através de um questionário cuidadosamente orientado, algumas informações sobre aspectos higiênicos.

Primeiros resultados

A turma se entusiasmou tanto que ao voltar às aulas em agosto, tinha um objetivo: construir, aos domingos e feriados, fossas higiênicas, em casas de pessoas sem condições de fazê-la. O Ginásio nessa época ganhou um conceito muito positivo no seio das populações das duas cidades.

Novos Planos

Aproveitando aquela efervescência jovem, falamos em selecionar as melhores equipes, apreciando os trabalhos de entrevistas e solicitar ao Comandante da CMO, um barco, para uma excursão pelos rios Oiapoque, Uaçá e Curipi, visitando todas as tribos situadas naquela faixa. Efetuado o pedido ao Ten Cel Bogéa, Cmt da CMO, mais uma vez recebemos a sua valiosa colaboração.

Excursão de Observação e Assistência

Munidos do maior número possível de amostras grátis de medicamentos, com vinte e nove pessoas dentro do pequeno Barco "O

Pracinha", pouca comida e muita boa vontade, saímos de Clevelândia do Norte buscando o contato direto com as populações ribeirinhas e silvícolas. Em cada tribo que chegávamos, realizava-se o mesmo movimento: O Chefe da tribo batia o sino; reunia a todos na Escola; os alunos do Ginásio davam a sua aula de noções de Higiene e Profilaxia e visitávamos doentes aplicando medicamentos. Os mais graves eram instados a que procurassem o médico da Colônia.

Outro aspecto, o de fraternidade e desprendimento observado durante a viagem, que muito nos entusiasmou, foi o fato de haver faltado comida e os alunos nos intervalos da viagem pescavam, caçavam e no final, houve alimentação à vontade.

Ficamos satisfeitos com o resultado da missão, pois ela criou na consciência daqueles jovens a noção da necessidade de que cada um deve aprimorar sempre no intuito de construir um Brasil maior e progressista.

Concluimos fazendo um pedido a todos aqueles que nos deram o prazer de ler este pequeno trabalho, de que, após terem lido as suas revistas, enviem-nas ao Ginásio Normal Rural do Oiapoque, em Oiapoque — AP, para distribuição entre aquela juventude sedenta de tudo de bom que lhe possa ser útil para melhorar os seus conhecimentos, para com eles melhor servir ao Brasil.